

CRASE

Ano 1 - 12ª Edição - Julho - 2011

#12
Julho - 2011

Roger

E sua Genialidade Ultrajante

Que País é esse?

*O movimento político
do rock*

Rocky Horror Show

Um Sucesso Fracassado

Vivienne Westwood

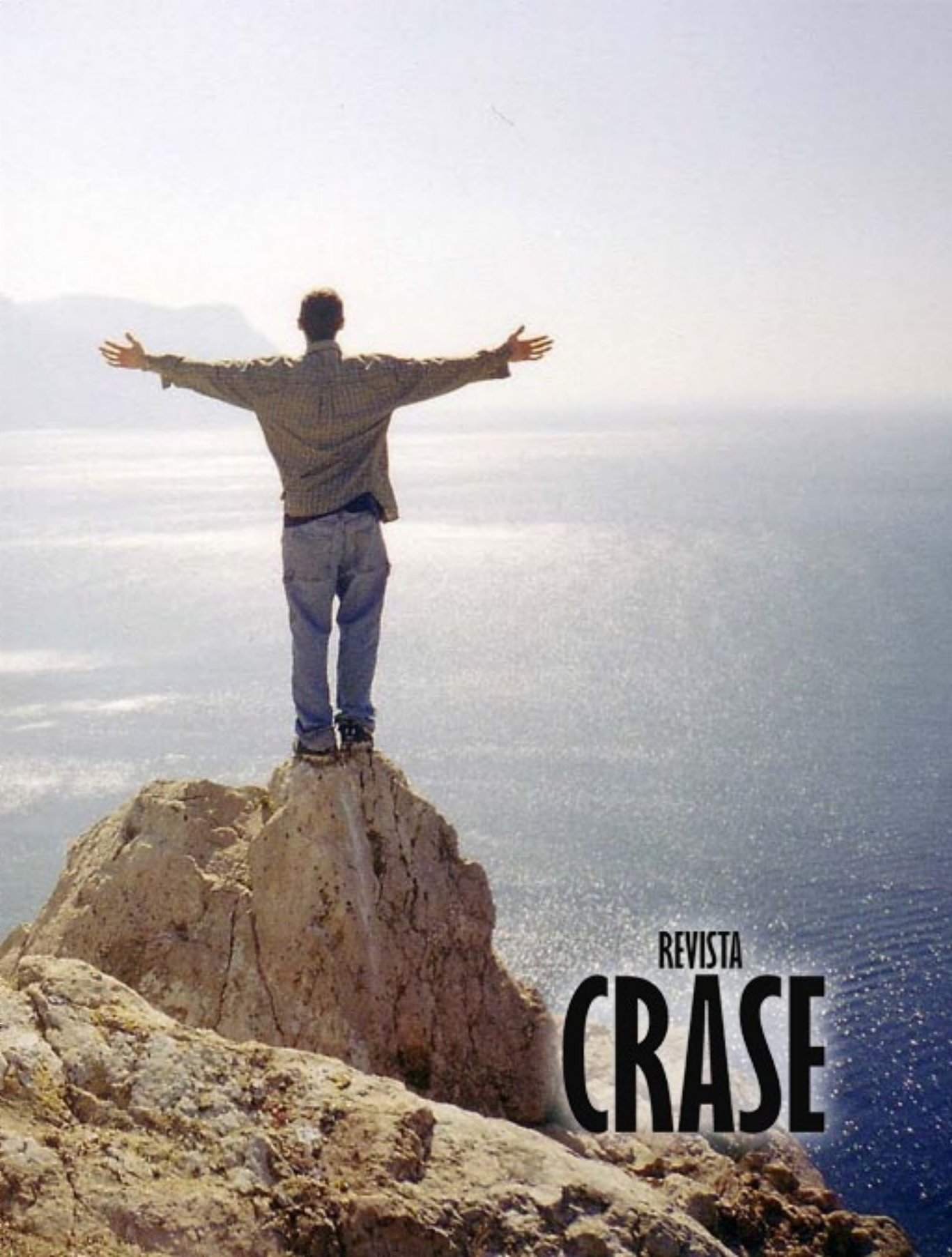
Moda Rock na África



A scenic view of a mountain range with a dirt path in the foreground and a black text box overlaid. The background shows a vast, hazy mountain landscape under a clear sky. The foreground features a dirt path leading through rocky terrain. A black rectangular box is positioned in the lower-left quadrant, containing text.

Liberdade:

De escolha, de expressão,
de sexualidade, de religião.



REVISTA
CRASE



índice

p. 08 **Editorial**

p. 10 **Como Se Não Houvesse Amanhã**
Jovens autores homenageiam Legião Urbana com coletânea de contos.

p. 14 **Um SUCESSO fracassado**
*Deu certo no teatro mas não no cinema
- Rocky Horror Show.*

p. 19 **Rock na África**
Vivienne Westwood lança bolsas em projeto de mulheres de Nairobi.



p. 24 **Roger and Roll**

Genialidade ultrajante de Roger Rocha Moreira.

p. 38 **Surrealismo no Cinema**

A expressão do onírico nas telas.

p. 43 **Que país é este?**

O movimento político do rock.

p. 48 **CRASE** Bruno Martins

CONVIDA

O ativista do Movimento Zeitgeist nos fala sobre o gênero Rock.



REVISTA CRASE

DIRETORIA

Direção-Geral: Dans Souza
Diretor de Redação: Rafael Farah
Diretor Executivo: Diego Senra Dansiger

REVISTA CRASE

Redatores: Bruno Buhr, Cadu Senra,
Clarissa Affonseca, Leandro Bertholini,
Tiago Garcia, Vinícius Baião
Produção: Yves Araujo

ARTE

Diretor de Arte e Diagramação: Nicolas Dani
Assistente: Clarissa Affonseca

FOTOGRAFIA

Editor-Responsável: Diego Val

INTERNET

Desenvolvedor: Makerz

CAPA

Fotógrafo: Gustavo Linares
Produção: Bruna Carolina



Editorial

O mês de julho foi escolhido para celebrar o mais influente estilo musical já inventado, o *Rock 'n Roll*. Basta uma rápida pesquisa, ou apenas um trabalho de observação para perceber a importância deste movimento para a sociedade contemporânea. Sem ele não haveria *Woodstock*, o ícone da contracultura e, sem ela, provavelmente não teríamos a noção de pensamento individual que temos hoje em dia. O que seríamos hoje, sem a postura e remelexos característicos do rei Elvis? Ou a loucura de Sid Vicious, que apesar de toda a sua insanidade, promovia também uma libertação das amarras de uma sociedade totalitária.

Da atitude rebelde às muitas variações do estilo musical, a Crase homenageia aqueles que quebraram barreiras, inovaram e transformaram vidas; os roqueiros, que munindo-se de ideais, foram

do ridículo ao *fashion*, do anonimato ao endeusamento, e deram seu sangue – em alguns casos literalmente – para que os questionamentos da rebeldia nunca acabem. A Crase prova que o rock continua bem vivo e saudável, apesar de suas passagens frequentes por alguns hospitais. Ele ainda luta e influencia gerações inteiras, mesmo que de formas mais sutis do que as extravagantes manifestações de outrora.

Neste mês, trazemos o glorioso Roger Rocha Moreira, conhecido pelo sucesso da banda Ultraje a Rigor. Irreverente, Roger fala sobre sua vida, como é fazer parte de uma sociedade formada apenas por indivíduos com QI elevado, e sua visão do Brasil e do rock 'n roll atual, daquele jeito Crase de ser.

Rafael Farah



Jovens autores homenageiam Legião Urbana com coletânea de contos.

por Vinicius Baião

Vinte cinco anos após o lançamento do primeiro álbum daquela que é considerada a mais importante banda do rock brasileiro, a Legião Urbana, foi lançada pela Editora Record, uma coletânea de contos inspirados em músicas do grupo brasiliense. Como

Se Não Houvesse Amanhã, organizado por Henrique Rodrigues, reúne 20 escritores contemporâneos que tiveram como encomenda a criação de ficções a partir de suas letras preferidas. Segundo o organizador, na apresentação da obra, houve apenas um único critério

para a seleção dos escritores: todos serem “assumidamente fãs da banda”.

Nascidos, em sua maioria, entre as décadas de 70 e 80, é inegável que os autores em questão possuem grande relação afetiva com a banda, responsável por momentos marcantes em suas próprias experiências de vida, seja no colégio, cantando Faroeste Caboclo durante o recreio com os amigos de turma, seja se recuperando de um final de namoro ao som de Por Enquanto, confirmando, pela primeira vez (possivelmente de muitas outras), os versos “sem saber / que o pra sempre / sempre acaba”. Desta maneira, ainda que em

tons ficcionais, alguns contos parecem carregados de elementos pessoais, indissociáveis das trajetórias particulares dos escritores, sendo aquilo que Adorno chamou de memória afetiva, indispensável às grandes obras.

“...representa a diversidade de vozes da literatura contemporânea.”

Como se Não Houvere Amanhã é estruturado segundo a sequência cronológica dos álbuns do grupo - todos os álbuns da banda estão contemplados com ao menos um conto. O organizador afirma que não

houve determinação para que os autores se dividissem de forma a contemplar a totalidade dos discos, sendo este fato fruto de “sorte ou coincidência”. Os contos, que levam como nome o título da própria música inspiradora, também respeitam a ordem em que as canções aparecem nos álbuns.

Apesar dos textos estarem todos ligados pelo signo da Legião, as histórias são bastante diversificadas entre si, abordando uma pluralidade de temáticas, que bem representa a diversidade de vozes da literatura contemporânea. Os diferentes sujeitos possíveis na atualidade estão presentes em contos que



Renato Russo

tratam de questões próprias deste tempo, sejam nas relações familiares, na sexualidade, na indignação social ou na compreensão de mundo. Os textos também não se limitam ao universo das letras do grupo, sendo estas, frequentemente, apenas um mote inicial para o enredo a ser desenvolvido. Em alguns casos, o conto surge a partir não de toda a música, mas de alguns de seus versos.

Entre os contos, destacam-se Eduardo e Mônica, de Rosana Caiado Ferreira, com a sofrida separação do casal mais famoso da música brasileira; Faroeste Caboclo, de Carlos Fialho, onde é narrada uma nova saga de João, agora advogado, carregada de violência, ambição e sexualidade; e Pais e Filhos, de João Anzanello Carrascoza, que apresenta a distante relação de um filho com seu pai, permeado por citações bíblicas, num

claro contraponto à relação de Deus-pai e Jesus Cristo-Filho.

Enfim, trata-se de obra fundamental para os amantes da obra de Renato Russo pois a leitura dos textos presentes em Como Se Não Houvesse Amanhã reafirma o caráter atemporal das canções da Legião Urbana, que, generosas, permitem serem transcendidas por outras belas obras, sem se perder sua poética original. ■



Henrique Rodrigues
Escritor e Organizador



Um SUCESSO *fracassado*

Cultuado no teatro e um fracasso no cinema, “The Rocky Horror Show” é um dos mais esquisitos símbolos da cultura pop.

por Leandro Bertholini

No próximo dia 24 de julho, uma horda de loucos vestidos e pintados como alienígenas e transexuais vão se reunir em Nova York

para um encontro que se repete religiosamente há quase trinta anos. Não, não são os “trekkers”, fãs da série Jornada Nas Estrelas (Star Trek). Ao

invés de seguidores do Dr. Spock, os apaixonados da vez são discípulos de uma figura ainda mais bizarra: o igualmente “doutor” Frank-N-Furter, personagem central da peça “The Rocky Horror Show”, adaptada para o cinema em 1975 como The Rocky Horror Picture Show.

O que pode parecer uma gaiola das loucas é na verdade um dos mais esquisitos e duradouros fenômenos da cultura pop. Até hoje, The Rocky Horror Show continua em cartaz no circuito de teatro alternativo norte-americano, europeu e brasileiro, sempre juntando uma sinfonia de alucinados coloridos na platéia. Era assim desde

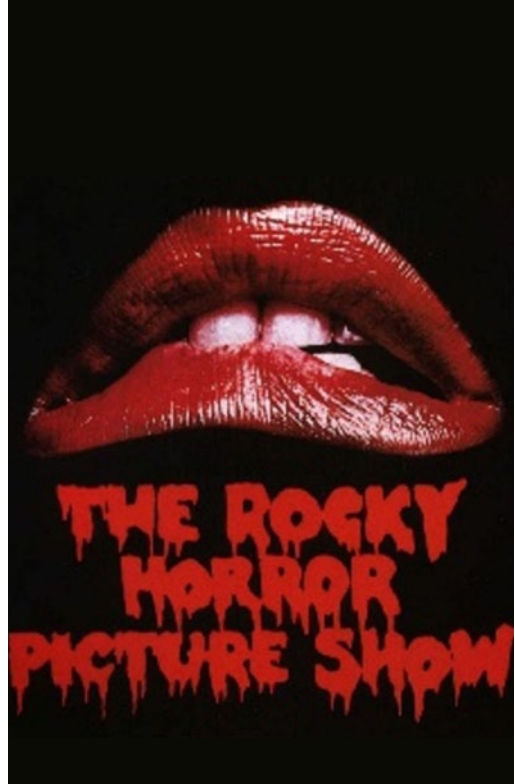
o início da década de 70, quando a peça virou febre na Inglaterra.

“...A peça virou cult em um piscar de olhos.”

Naquela época, Richard O’Brien, músico e ator responsável pela concepção de Rocky Horror Show, tinha tempo de sobra pra pensar em bobagens. Desempregado após fazer o papel de Herodes na ópera-rock “Jesus Cristo Superstar”, em 1972, ele começou a correr os estúdios de Londres atrás de um papel qualquer, ao mesmo tempo em que acumu-

lava uma série de canções sem nunca ter gravado. Quando idealizou o projeto de um musical fora do comum, inspirado em “Hair”, “Jesus Cristo Superstar” e em velhos filmes de terror B, O’Brien passou o pires entre todos que conhecia até conseguir o pequeno orçamento, o qual permitiu a produção de The Rocky Horror Show – que estreou no Royal Court de Londres em 1973. Com uma série de passagens tão hilárias quanto medonhas, a peça virou cult em um piscar de olhos.

A peça misturava a grandiosidade musical das óperas-rock, abusava do visual andrógino de David Bowie/Roxy Music e



provocava gargalhadas a partir de situações grotescas, a começar pela sua marca registrada: os lábios que servem de sofá para o Dr. Frank-N-Furter. Uma caricatura sebosa da década de 70.

Depois de algumas temporadas, Richard O’Brien, o produtor Lou Adler e o diretor aus-

traliano Jim Sherman idealizaram a produção do longa-metragem inspirado na peça. O filme foi um fracasso, porém, haviam insistentes grupos de fãs que assistiam várias vezes nas “sessões malditas” à meia-noite e que procuravam os atores para elogiar a versão para o cinema. Foi assim que foi se criando a lenda cult do filme, enquanto músicas-tema como “The Time Warp” e “Hot Patootie” eram tão

imitados pelos fãs quanto o twist de Uma Thurman e John Travolta em Pulp Fiction vinte anos depois.

No Brasil, uma montagem deste espetáculo, em 1995, trouxe para a cena Macello Novaes, Tuca Andrada, Claudia Ohana e grande elenco, presenteando o público com musicalidade de sucesso, críticas arrebatadoras e premiações importantes em todo o país. ■



Tim Curry
Dr. Frank-N-Furter





Rock na África

Vivienne Westwood lança bolsas em projeto de mulheres de Nairobi.

por Clarissa Affonseca

Reconhecida mundialmente, A estilista Vivienne Westwood, símbolo da rebeldia do rock dos anos 50, iniciou sua carreira na moda desenhando roupas pra a loja “Let it Rock”, da qual era dona. Cinco anos mais tarde, ela começou

a produzir roupas para a banda Sex Pistols e, foi desde então que seu nome passou a ser conhecido pelo estilo punk.

Vivienne por vezes utilizou seu nome e sua rebeldia para lutar por causas nas quais ela

acreditava, e no último mês não foi diferente.

“ Vivienne também fez um manifesto em 2007...”

Ela lançou uma coleção de acessórios em parceria com o International Trade Centre (Centro de Comércio Internacional) e o Ethical Fashion Programme (Programa de Moda Ética). Esse programa dá apoio a mais de 7000 mulheres que não tem oportunidades de trabalho na África. Desse modo, elas são capazes de ganhar não só dinheiro, mas experiência para poderem se desenvolver

profissionalmente e ensinar as gerações futuras. De acordo com os responsáveis pelo programa, o propósito do projeto é aumentar a qualidade de vida dessa população.

Em Nairobi, as mulheres que participaram desse projeto puderam aprender com a própria Vivienne Westwood as técnicas utilizadas na confecção das bolsas artesanais. A coleção composta por sete bolsas foi toda produzida com materiais reciclados e está à venda no site da YOOX . O lucro das vendas vai ser doado para programas de ajuda à África.

A estilista Vivienne Westwood vem, já há



Vivienne Westwood no lançamento da coleção

algum tempo, utilizando a visibilidade de seus desfiles para provocar as pessoas a pensarem sobre os problemas políticos e ambientais que afetam a sociedade moderna. No desfile do Verão 2009 de Paris o tema foi salvar as florestas tropicais. Em 2010, ela fez camisas sobre a crise do Haiti a fim de levantar fundos para o projeto de ajuda

às vítimas do terremoto que atingiu o país.

Vivienne também fez um manifesto em 2007 denominado “Active Resistance to Propaganda” como uma crítica ao consumismo. Esse gesto contraditório à sua profissão trouxe repercussões na mídia, mas ela manteve sua postura nos desfiles seguintes e chegou a dizer

que “as pessoas deviam parar de comprar”.

Seguindo essa linha de protestos, no seu desfile de inverno 2008/2009 – Chaos Point – que falava sobre o caos no mundo atual, a estilista usou o funk brasileiro como trilha sonora para exemplificar o mundo difícil e violento no qual vivemos. Tre-

chos como “cavalo de pau, de quatro, de lado, tu bota...” compuseram esse ambiente caótico.

Do caos à ordem, é necessário muito esforço e força para protestar, e isso, Vivienne Westwood tem de sobra. No auge dos seus 70 anos a estilista ainda surpreende e mostra que o punk ainda corre em suas veias. ■



Influência do rock no benefício final

Seja diferente.

Seja **CRASE.**

Rodger and roll





E sua genialidade ultrajante.

por Rafael Farah
e Cadu Senra

Dizem por aí que o Rock N' Roll como conhecíamos não existe mais. Uns falam que ele não existe desde os anos 70. Outros chegam a afirmar que o “sonho” – como muitas vezes o estilo é referido – acabou muito antes do tiro que assassinou o ícone Britânico, John Lennon. Entretanto, avesso a tudo isso, no dia 13 desse mês, o gênero musical mais polêmico da história celebra mais um ano de sua existência e, apesar da idade de vovô e os cabelos brancos, ele está longe de caducar.

Oriundo do Blues, do Jazz e do Country Americano, o Rock surgiu no

final dos anos 40 e início dos 50, e sempre se destacou dos demais estilos graças à rebeldia e pretensão idealista que possuía. Sua ousadia ia desde o som, que rompia com os padrões das outras músicas populares, até a atitude, sendo sempre inovador e contestador. Sem dúvida sempre foi a maior, mais eficiente e divertida forma de contestação que já existiu. Essa afirmação talvez seja uma das poucas verdades existentes no mundo e, até quem não é fã, entende o peso que o estilo tem na sociedade como um todo. Porém o rock 'n roll sempre foi visto como um trajeto



Delinquentes e/ou
vagabundos na
ditadura?

percorrido por delinquentes e/ou vagabundos, as ovelhas negras, por assim dizer. Sem dúvida, os comportamentos documentados de estrelas do rock serviriam de base para esse pré-conceito, mas este é apenas um lado da moeda. Do outro lado, temos a genialidade de músicos como Roger Waters, David Gilmour, Jim Morrison e Jimi Hendrix.

No Brasil, tratando-se de genialidade, Roger Rocha Moreira é, incontestavelmente, o sujeito mais bem dotado do rock brasuca.

Nascido durante a ditadura, em 1956, Roger, como milhares de outros, cresceu em um país altamente politizado. Criado em meio ao drama tecido pelo governo militar e insurgentes indignados

com o modelo totalitarista do Brasil, o músico levou a carreira fazendo letras incrivelmente contestadoras, além de ridiculamente engraçadas. Seu rock 'n roll cômico dava a ele o sinal verde para questionar a tudo e a todos.

Quando jovem, era sempre o primeiro da turma, sem se esforçar muito, mas o interesse pela grandiosidade intelectual nunca é prioridade na vida de adolescentes, e para Roger, não era diferente. Fez faculdade de Arquitetura na Universidade Mackenzie, em São Paulo e, para o horror e desespero de seus pais, abandonou no terceiro ano para correr

atrás da vida de músico. Então fez o Conservatório Dramático e Musical, o Conservatório Musical Brooklin Paulista, o Clam e a Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Quem acredita que músicos são realmente vagabundos, nunca se deparou com uma bateria de estudos como esta.

Mensa Brasil

Após ter feito um teste vocacional quando jovem, foi constatado que seu coeficiente de inteligência estava acima da média, mas foi só na sua vida adulta que resolveu ter certeza, quando fez o teste definitivo. Dono de um QI altíssimo, o com-



positor é um dos sócios da atual Mensa Brasil, uma sociedade composta por indivíduos dotados de QI elevado. Roger diz que “é legal fazer parte da Mensa, mas gostaria que fossem mais ativos. Dos quinhentos e poucos membros registrados no Brasil, não há movimentações ou iniciativas do grupo”.

A psicologia diz que qualquer pessoa com uma inteligência muito elevada provavelmente tem também certas peculiaridades - não se pode esperar que a Panicat Nicole Bahls veja o mundo da mesma forma que o Einstein. No caso de Roger, ele só faz shows onde possa

ir de ônibus, seu medo de aviões o impede de voar.

A Música

Quando perguntado sobre seu trabalho no Ultraje a Rigor, Roger comenta que o começo foi bastante despretensioso, seu intuito era tocar em bares, apenas, pois gostava de fazer covers de outras músicas e, ainda brinca: “como dizem jogadores de futebol, foi indo e iu”. O guitarrista faz questão de expressar seu intuito quando escrevia músicas como “Rebelde Sem Causa” e “Nós Vamos Invadir a Sua Praia”, que queria fazer como fizeram Gilberto Gil e Chico Buarque durante a ditadura,



Twitter do Roger
@Roxmo

ou até mesmo os Beatles e Bob Dylan, que faziam uso de analogias para falar de temas polêmicos como guerras e drogas. Letras como: “Não vai dar, assim não vai dar/Como é que eu vou crescer sem ter com quem me revoltar/Não vai dar, assim não vai dar/Pra eu amadurecer sem ter com quem me rebelar” e: “E é o que mais tem por aqui/E sendo

nós da Pátria filhos/Não tem nem como fugir/E eu não vi nenhum tostão/Da grana toda que ela arrecadou/Na certa foi parar na mão/De algum maldito gigolô” nos fazem pensar sobre nossa situação, mantendo um sorriso no canto da boca.

Sem dúvida, o rock ‘n roll foi (e ainda é) muito mais do que apenas

um estilo musical, especialmente para figuras como Roger, que o considera um terceiro pai. “Aprendi muito com os Stones, os Beatles, mesmo tendo estudado bastante e feito conservatórios, o aprendizado pela experiência foi muito grande. Aprendi, inclusive, a falar inglês com o rock” – o roqueiro foi também professor de inglês.

Politicagem

O estilo musical, como já mencionado anteriormente, sempre foi um instrumento de contestação, não só para a política, mas também para a cultura como um todo. O mundo muda, por alguns minutos ou inde-

finidamente, sempre que há uma grande movimentação do estilo, como o Woodstock nos EUA e o SWU, no Brasil. A força é tamanha que hoje em dia o rock é visto também como um conceito, todas as iniciativas que promovem mudanças políticas ou sociais, têm como tema o rock ‘n roll, mesmo que na prática tenhamos seres como Lady Gaga e Luan Santana escalados como parte do elenco de promoção. Roger mantém perto do peito suas opiniões e, com desenvoltura digna de gênios, diz que hoje em dia, “temos um rock superficial”, e ainda elabora, comentando que “as bandas começam muito cedo, por isso acabam escre-



vendo letras com uma mentalidade mais infantil e assim, têm um público mais infantil. Isso vem da facilidade com que uma banda é formada hoje em dia. Os pais tendem a dar corda, compram os instrumentos para os filhos quando ainda novos”. E continua, explicando que: “no passado era tudo mais difícil, não tinha rádio ou MTV, era bastante difícil porque quase tudo ia contra. Não existe mais o movimento ‘rock and roll’ como tinha na época de Pink Floyd, Beatles e Rolling Stones”.

Roger Rocha Moreira é exemplo. Não apenas de músico, compositor ou professor, mas de cidadão. Não por ser altamente inteligente, mas por usar essa inteligência para fazer uma diferença. Sendo fã de suas músicas ou não, é preciso respeitar o fato de que o líder do Ultraje a Rigor mantém-se fiel à tradição do rock, fazendo uso de letras irreverentes na tentativa de acordar os brasileiros para o esgoto político e social para os quais estamos caminhando. ■



Produção:

Rafael Farah e Bruna Carolina

Fotos:

Gustavo Linares

ANUNCIE AQUI

Não gasta tinta nem papel.

contato@revistacrase.com.br

REVISTA
CRASE

Meio **milhão**
de **exibições.**

Isto é apenas o início.

(e continua crescendo...)

www.revistacrasedearte.com.br



Luis Buñuel - Salvador Dalí

Surrealismo no Cinema

A expressão do onírico nas telas.

por Tiago Garcia

Surgindo primeiramente em Paris, nos anos 20, e inserido no contexto das vanguardas que viriam a definir o modernismo no período entre as duas Grandes Guerras Mundiais, o surrealismo reúne artistas

anteriormente ligados ao Dadaísmo ganhando dimensão internacional. Fortemente influenciado pelas teorias psicanalíticas de Freud e pelo Marxismo, o mesmo enfatiza o papel do inconsciente na atividade criativa. Um dos

seus objetivos foi produzir uma arte que, segundo o movimento, estava sendo destruída pelo racionalismo e parte de uma atitude revolucionária em filosofia, cujo verdadeiro objetivo não consistiria em interpretar o mundo, mas, sim, em transformá-lo. O poeta e crítico André Breton é o principal líder e mentor deste movimento e, revela forte influência do materialismo dialético, dele retirando sua “lógica da totalidade”.

Assim como o sistema social constitui um todo e nenhuma de suas partes pode ser compreendida separadamente, a arte não deve ser o reflexo de uma parcela

de nossa experiência mental, mas uma síntese de todos os aspectos de nossa existência, especialmente daqueles que são mais contraditórios.

“...O cinema
cumpre o papel
de herói e vilão...”

No surrealismo cinematográfico, destaque para em *Un Chien Andalou* (1928) e *L'Age D'Or* (1930), ambos do espanhol Luis Buñuel, com colaboração de Salvador Dali. A cena inicial do primeiro é muito famosa: o próprio Buñuel, após observar uma enorme lua no céu, afia uma navalha

e corta pelo meio o globo ocular de uma mulher que está sentada. Não há linearidade temporal e suas cenas não seguem uma continuidade. Na segunda cena, vemos um cão ser arremessado pelos ares, uma vaca deitada sobre a cama, um bispo e uma árvore em chamas sendo despejados por uma janela, situações de delírio erótico, baratas numa mão que toca pianola e etc.

A ambiguidade do termo “surrealismo” pode sugerir transcendência, predomínio da imaginação sobre a realidade. O surrealismo pretendia um automatismo psíquico que expressasse o funcionamento real do



pensamento e, este mesmo automatismo implica numa transfiguração anárquica do mundo objetivo, cujo efeito imediato é o riso. Mas o humor, aqui, é uma nova ética destinada a sacudir o jugo da hipocrisia e o sonho é encarado como uma revelação do espírito, sendo afirmada a sua riqueza sob o duplo ângulo da psi-

cologia e da metafísica. Para chegar à consciência integral de si próprio, o homem tem de decifrar o mundo do sonho, pois deixá-lo na obscuridade representa uma mutilação do nosso ser.

Para Breton, qualquer divisão arbitrária da personalidade humana é uma preferência idea-

lista. Se o propósito é o conhecimento da realidade, devemos incluir nela todos os aspectos de nossa experiência, mesmo os elementos da vida subconsciente. Essa é a pretensão do surrealismo, movimento artístico que abrangeu além da pintura, escultura e cinema, também a poesia, filosofia e até a política. ■



A Face da Guerra (1940)
Salvador Dalí

PENSE

NÃO É ILEGAL AINDA

REVISTA
CRASE

Pra quem pensa.
Ao contrário.



Que país é este?

O movimento político do rock.

por Bruno Buhr

Durante séculos a juventude foi escrava dos limites, arrastando os pesados grilhões do costume e das conveniências sociais; a voz tímida e obediente só dizia sim às normas que ditavam conduta. Eis que

um riff surge cortando o ar, penetrando nos ouvidos dos jovens recatados, automaticamente os joelhos se dobram, os pés passam a se movimentar em X, os dedos estalam em um ritmo freneticamente distinto. Pode-se dizer que

o rock 'n roll foi um dos mais importantes alicerces para a construção da ponte entre o passado e o futuro, capaz de romper as mordaças que impediam o grito pelo novo.

“...Retratou tristezas que deveriam ter sido choradas na intimidade...”

Ainda na década de 50 o incipiente e já insurgente Rock foi trilha sonora para o fim do racismo institucionalizado nos EUA, aliado às palavras cortantes de Martin Luther King Jr. Nos anos 60 o estilo serviu como pano de fundo para os protestos

contra a guerra do Vietnã culminando em Woodstock, a maior celebração da paz e do amor livre.

Já nos idos de 1970 a insatisfação com o governo e o modo com que seus tentáculos manipulavam os destinos da população, somado ao vertiginoso crescimento da sociedade de consumo fez borbulhar um grosso caldo de descontentamento e revolta: surge o movimento Punk.

Este talvez tenha sido o mais politizado movimento dentro do Rock 'n Roll, roupas rasgadas, contra o consumismo demasiado, o cabelo moicano contra a ditadura da moda, as letras feri-



nas contra o governo e suas intervenções imódi- cas na vida dos cidadãos.

A postura base- ada no lema “contestar é preciso”, perdurou nos anos 80, a explosão do rock Brasil se concretizou durante o primeiro festi- val Rock in Rio, enquanto Tancredo Neves era eleito presidente pelas indire- tas, passo importante na redemocratização do país, que teve como ápice as “diretas já” em 88. Já

com a democracia res- tituída, os anos 90 com- portaram o ultimo canto político da juventude bra- sileira, já sem as vozes de Raulzito e Cazusa. As marchas dos “caras pin- tadas” pressionaram o congresso nacional à ins- tauração do processo que acarretou no impeach- ment do Presidente Collor.

Esta breve e apressada retrospectiva teve como fito mostrar a íntima relação entre o

rock 'n roll e uma juventude politicamente atuante e engajada. Política e rock and roll exigem vitalidade e atitude, caso contrário são tão vazios em conteúdo quanto um livro em branco.

Foi à duras penas que a democracia foi reconquistada em nosso país, em nossa bandeira está impressa a cicatriz do totalitarismo, ainda que a nossa recente história política palpite na lembrança, o clima de

oba-oba toma conta do congresso. Enquanto isso o Rock grita em escalas cromáticas e a juventude se cala anestesiada.

Portanto não se enganem, vivemos uma ditadura dentro da própria democracia. A ditadura da desinformação, da ignorância da despolitização que elege Tiriricas, que permite as farras com dinheiro público, enquanto nós inertes nos calamos ao som do colorido Rock n roll. ■





Uma folha de papel



Bruno Martins é produtor cultural, estudante de Pedagogia e ativista do Movimento Zeitgeist. Tentou Cinema e Produção Fonográfica, mas a terceira faculdade promete terminar. Acredita na racionalidade mas tem medo de avião, escuta rock mas já trabalhou num show do Sorriso Maroto e acha que o London Calling é o melhor disco de rock já feito.

O Rock não errou. Cansou-se.

Todo gênero musical tem seu momento de ebulição, atinge o auge da sua criatividade e depois se retrai. Alguns passam décadas se renovando e se reinventando, e assim foi com o rock 'n roll.

Logo na década seguinte ao seu nascimento já tomava novos rumos. O rock básico, marginalizado, tornou-se grande nas mãos dos rapazes de Liverpool. Cordas, metais e até cítara entraram no estúdio com os Beatles, dando ao rock outra cara e popularidade mundial.

As notas se multiplicaram e a duração das músicas também. Com o progressivo chegou o virtuosismo e a psicodelia, refletindo o comportamento da época. Com as ruas fervilhando e a juventude excitada por novas experiências, o rock foi moldando e sendo moldado por esses movimentos, até que paz, amor e solos intermináveis cansaram uns garotos do Queens, outros

de Londres, e o “Flower Power” deu lugar ao “No Future”. De volta aos três acordes, o punk retomou a simplicidade como essência do rock, agora mais agressivo e sarcástico. Outra vez, criador e criatura.

Desde então já fizeram de tudo com ele. Foi alegre new-age e grunge deprimido; misturado com funk, rap, eletrônico... e agora?

Após seis décadas e gerações que usaram e abusaram do velho, cobrar que se mantenha original e pungente como antes é injusto. Até porque, mesmo depois de tudo que já se fez, ainda tivemos boas surpresas nas últimas duas décadas, especialmente nos anos 90. Quer algo mais revigorante que o Rage Against the Machine? (muitos citariam o Radiohead, também vale).

Por aqui também tivemos boas novidades. “Da lama ao caos”, de Chico Science e Nação Zumbi, traz uma vitalidade incrível e uma maneira própria de jogar o mangue na roda. Ao mesmo tempo, vários

outros grupos, se não tão originais mas divertidos e com uma linguagem particular renovaram o público rock brasileiro. Uma geração que não viu o Rock Brasil dos anos 80 mas se deliciou com a grosseria dos Raimundos e a “ilegalidade” do Planet Hemp.

De lá pra cá não sei bem o que aconteceu. Talvez os 90 tenham sido um último suspiro de criação. O único rock novo que me agrada são (alguns) discos novos de artistas de outras épocas. E daí?

O rock cumpriu seu papel. Embalou décadas de transgressões culturais, foi transformador como nenhum outro, e talvez seja esse o desafio dos novos roqueiros: manter o rock fiel ao seu papel contestador, e mesmo sem a criatividade de outros tempos, incitar a nova geração a pensar num mundo diferente (ou ao menos a zombar do atual).

Bruno Martins

Contato. Encontros para uma vi

www.contatonucleo.com.br

da melhor.

CONTATO

Núcleo de Estudos e Aplicação da Gestalt-Terapia

CRASE